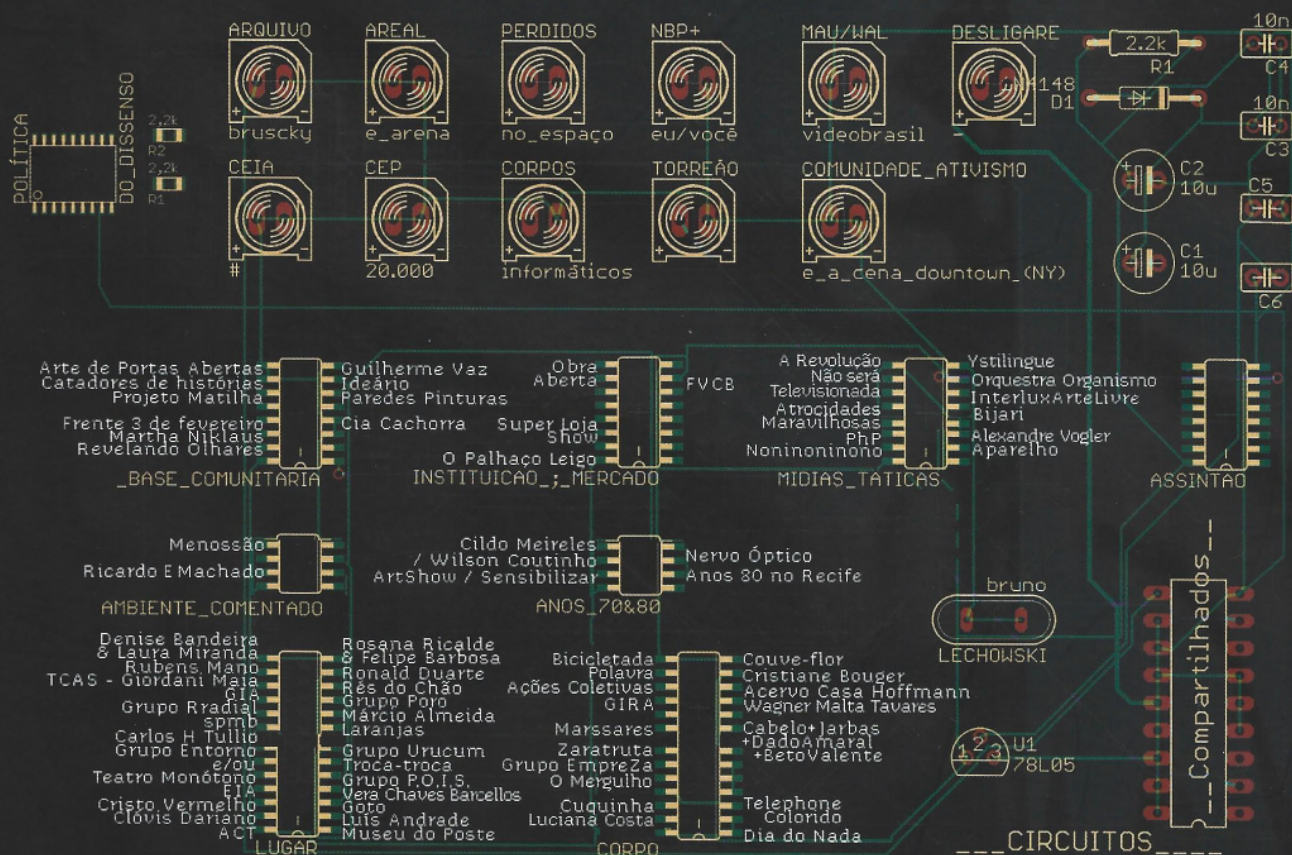


circuitos compartilhados



CATÁLOGO DE SINOPSES / GUIA DE CONTEXTOS





NERVO ÓPTICO

01 *Filme Taquara. Nervo Óptico. 1977/1978?. Taquara-RS. (15'22")*

OS INTERIORES

Nos anos setenta (1977 ou início de 1978), os integrantes do *Nervo Óptico*, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clovis Dariano, Mara Álvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, na procura de novas linguagens, utilizaram o filme super oito para colher depoimentos de moradores das áreas suburbana e rural.

A intenção era documentar sem comprometimento com a cinematografia. A região escolhida foi o município de Taquara, no interior do Rio Grande do Sul, com aproveitamento de locais na saída de Porto Alegre.

Esta experiência, de caráter coletivo, como a maior parte das atividades do grupo, consistia em induzir as pessoas entrevistadas a mostrar algum objeto a partir de uma pergunta relacionada àquilo que consideravam ser de mais importante em suas vidas.

Foram abordados diversos personagens da região: um ciclista, um carroceiro com sua mulher e filhos, uma família de agricultores, um vendedor de galinhas da beira de estrada, trabalhadores vivendo perto de uma pedreira, etc.

As respostas foram gravadas separadamente das imagens. O filme nunca foi terminado, e embora tenha sido feita a montagem das imagens, nunca foi colocado o som; e a fita com a gravação dos depoimentos acabou sendo perdida.

Restam apenas imagens, e tudo o que elas podem nos comunicar.

(*Nervo Óptico*)



NERVO ÓPTICO: 1977-1978:

uma descrição e alguns comentários.

(Trechos do texto *NERVO ÓPTICO: 1977-1978: uma descrição e alguns comentários*, de Ana Maria Albani de Carvalho, publicado em: Espaço N.O., Nervo Óptico. Org: ALBANI DE CARVALHO, Ana Maria. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004)

Em um sentido restrito, a história do "Nervo Óptico" começa em abril de 1977, quando os artistas Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes, e Vera Chaves Barcellos iniciam uma publicação, na forma de um cartazete mensal, com distribuição gratuita, destinada a divulgar "novas poéticas visuais". Neste primeiro momento o nome "Nervo Óptico" estava restrito à publicação e o coletivo de artistas não pretendia autoneostrar-se com ele. Porém, em um artigo publicado em O Globo, Frederico Moraes (1977) refere-se aos componentes do grupo "Nervo Óptico", denominação que passa a designar os artistas no conjunto de atividades que promoveram em grupo.

(-)

A proposta de assumir uma posição pública de crítica ao mercado de arte afastou alguns artistas do grupo inicial. Por fim, oito artistas assinaram um texto apresentado como "Manifesto", publicado pela imprensa local e divulgado em uma exposição-relâmpago - "Atividades Continuadas" - acompanhada de debates com o público, que teve lugar no MARGS, entre os dias 9 e 10 de dezembro de 1976: Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Martins, Telmo Lanes, Vera Chaves Barcellos. Nesta ocasião, o texto do "Manifesto" foi ampliado em um painel fotográfico, fazendo parte da mostra, além de ser objeto de uma performance por parte dos artistas e de um debate com o público.

O "Manifesto" obteve boa divulgação por parte da imprensa local e algumas referências em jornais do centro do país, com apoio ao posicionamento assumido pelos artistas, propondo uma "posição crítica em relação ao binômio criação-mercado". ("Nervo Óptico" n.1, abr/1977). A atitude gerou cisões entre os artistas locais e críticas por parte de galeristas, no sentido em que os signatários do "Manifesto" pareciam estar desprezando algo que sempre havia sido desejado: a consolidação, em Porto Alegre, de um sistema artístico, moderno e profissional, viabilizado através do mercado.

(-)

NERVO ÓPTICO

Publicado online e disponível em nossa página virtual.

Nº 7
OU
7
Carbô: 702 - Fone: 24-0117 - Porto Alegre - RS



Vera C. Barcellos

a respeito do sora

Cartazetes Nervo Óptico:

Nesta página, n.7 (↑) e n.12 (↓).

Na página 16, foto veiculada na edição especial em página dupla, intitulada *Relatos Urbanos: Soci*
Anônima.



M A N I F E S T O

Na presente situação do movimento artístico gaúcho, onde o mercado de arte assume um vulto nunca antes atingido, o respeito pelo público leva-nos a necessidade de certas colocações esclarecedoras.

Existe uma diferença fundamental entre a eventual venda da obra de arte e a feitura da obra, especificamente para a venda, como um produto que se condiciona a demanda comercial.

Não somos contra a venda da obra de arte. Não aceitamos, isto sim, que o mercado dirija o movimento artístico.

A venda não é medida de qualidade da obra de arte, como prova a história.

O condicionamento ao mercado, leva o artista a uma produção meramente artesanal, muitas vezes beirando um maneirismo, à repetição e a um conseqüente esvaziamento de conteúdos.

Igualmente, manifestações que sob o rótulo de arte nacional tem como interesse primeiro o mercado de seus produtos, confundem ainda mais o público, quanto a discernir entre manifestações culturais legítimas e interesses de caráter comercial e promocional.

Propomos:

- Criação de uma nova mentalidade e de um contexto e clima abertos a manifestações que não procurem contentar partes mas sejam o documento vivo de uma criação embasada em novos caminhos e idéias.

- Um trabalho que antes de ter como suporte qualquer veículo material e sua hábil manipulação, seja produto de uma consciência crítica atuante.

- Operações artísticas que sejam verdadeiros centros transformadores da consciência e não manifestações coniventes com um dirigismo mercadológico deformador de valores.

- Uma visão lúcida do papel do artista no seu contexto social e de sua participação construtiva dentro deste contexto.

Carlos Asp
Carlos Pasquetti
Clovis Dariano
Jesus R.G. Escobar
Mara Alvares
Romanita Martins
Telmo Lanes
Vera Chaves Barcellos

Porto Alegre, dezembro de 1976.

Uma das mais intensas propostas de acontecimentos e trocas artísticas ocorridas no Brasil entre o final dos anos 70 e início dos 80, as ações associadas ao grupo Nervo Óptico e Espaço N.O. em Porto Alegre, destacaram-se pela capacidade produtiva e experimental e pelas constantes manifestações críticas sobre o sistema das artes e o mercado de arte da época. O grupo realizou experimentações conceituais e fotográficas veiculadas em cartazes e chegou a expandir suas investigações também para o campo do cinema em S-8, cujo *Filme Taquara*, aqui referenciado, foi a única experiência coletiva do grupo com esse meio.

Após a dissolução do grupo Nervo Óptico, que atuou de 1976 a 1978, dois de seus membros associados a outros artistas participaram de uma nova experiência coletiva também de grande importância na cena artística brasileira, ativando diversos acontecimentos culturais e exposições no *Espaço N.O.*, um dos lugares que mais intercâmbios e diálogos culturais promoveu entre artistas brasileiros no período entre 1979 e 1982. (Go)

Sobre essa passagem, Vera Chaves Barcellos comenta:

"O cartazete chegou a ser publicado mensalmente durante 13 meses, numerado de 1 a 13. Cada número reproduzia uma obra inédita de componentes do grupo ou artistas convidados."

(-)

"Em 1978 houve um certo cansaço, resolveu-se não mais publicar o boletim. As reuniões deixaram de realizar-se e o grupo extinguiu-se."

"Alguns meses depois fui procurada por Ana Torrano que conhecia, como eu, o espaço de artistas em Amsterdã, Other books and So, dirigido pelo poeta visual mexicano Ulisses Carrión e sugeriu a criação de um espaço similar em Porto Alegre para eventos artísticos contemporâneos. Acatei a idéia e começamos a elaborar um projeto, do qual participaram, inicialmente, um grupo de mulheres: Ana Torrano, Cris Vigiano, Karin Lambrecht, Regina Coeli, Heloísa Schneiders e Simone Michelin com a colaboração de Eugênia Wendhausen. Vários outros artistas aderiram ao grupo e participaram das atividades, entre eles, Milton Kurtz, Mário Ronhelt, Rogério Nazari, Carlos Wladimirsky e Telmo Lanes. Assim surgiu o espaço N.O. que funcionou na Sala 31 da Galeria Chaves no centro de Porto Alegre. A proposta era manter uma atividade multidisciplinar, exposições, performances, leituras dramáticas, conferências, encontros e eventos musicais. A mostra inaugural, em outubro de 1979 mostrou arte postal, filmes, projetos e publicações do artista pernambucano Paulo Bruscky. Do antigo grupo Nervo Óptico, apenas dois integrantes animaram as atividades do Espaço N.O., Telmo Lanes e eu. Dentro das paredes do Espaço N.O. ocorreram mais de noventa atividades nos seus três anos de funcionamento (1979-1982), além dos eventos realizados fora da sede, como as participações em exposições como *Arteder 81*, na Espanha, e *Artistas Gaúchos Contemporâneos*, mostra coletiva, na Pinacoteca do Estado de São Paulo"

(Trechos de depoimentos de Vera Chaves Barcellos sobre o Nervo Óptico e o Espaço N.O. publicados em: Espaço N.O., Nervo Óptico. Org: ALBANI DE CARVALHO, Ana Maria. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004)



circuitos compartilhados



ARQUIVO BRUSCKY



AREAL & ARENA



PERDIDOS NO ESPAÇO



NBP: EU/VOCE

COMUNIDADE, ATIVISMO



E A CENA DOWNTOWN (NY)



CEIA



CEP 20.000



CORPOS INFORMÁTICOS



TORREÃO



DESLIGARE



MAU/WAL VIDEOBRASIL



CILDO MEIRELES/
WILSON COUTINHO

POLITICA DO DISSENSO



NERVO ÓPTICO



ARTSHOW/SENSIBILIZAR



ANOS 80 NO RECIFE

ARTE DE PORTAS ABERTAS



REVELANDO OLHARES



BICICLETADA



GRUPO EMPREZA



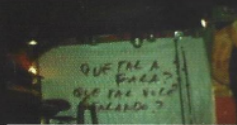
ACERVO CASA HOFFMANN



PROJETO MATILHA



GUILHERME VAZ



CONCERTO POLAVRA



O MERGULHO



WAGNER MALTA TAVARES



CATADORES DE HISTÓRIAS



IDEÁRIO



AÇÕES COLETIVAS



CUQUINHA



CABELO+JARBAS+
DADO AMARAL + BETO VALENTE



FRENTE 3 DE FEVEREIRO



PAREDES PINTURAS



GIRA



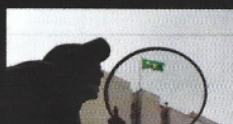
LUCIANA COSTA



TELEPHONE COLORIDO



MARTHA NIKLAUS



CIA CACHORRA



MARSSARES



COUVE-FLOR



DIA DO NADA

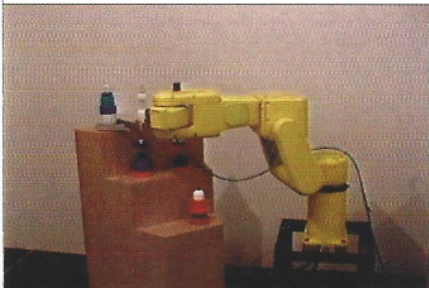


Alguns circuitos gaúchos a partir dos anos 70: Nervó Óptico - filme *Taquara* (acima);

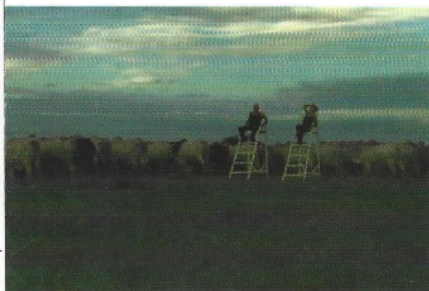
↓ Torreão - *Plano de Deriva*, de Pedro Engel, exibido no vídeo *Torreão - Intervenções*.



↓ Obra Aberta - frame: registro do trabalho de Mario Ramiro.



↓ Areal e Arena - frame de *Arra olo raar*, de Marcelo Coutinho.



↓ Perdidos no Espaço - frame de *Problemas de linguagem e pontuação*, de Hélio Ferverza.



Est-ce que je suis un étranger,
c'est cela?

CIRCUITOS ARTÍSTICOS E VÍDEO EXPERIMENTAL

São passados mais de 40 anos desde quando os artistas manifestaram interesse pela tecnologia da TV enquanto recurso de produção de arte. Situam-se aí os primeiros experimentos com essa mídia realizados por Nam June Paik e Wolf Vostel (7). E em 1965 o próprio Paik tornou-se um dos "primeiros clientes do recém lançado equipamento portátil de vídeo da Sony" (8). No Brasil a prática experimental dessa linguagem artística já tem mais de 30 anos, considerando como marco dessa trajetória o vídeo *M 3X3*, de 1973, da coreógrafa Analivia Cordeiro (9). "Toda a primeira geração brasileira de criadores de vídeo era constituída de nomes em geral já consagrados no universo das artes plásticas ou em processo de consagração, como foram os casos de Antônio Dias, Anna Bella Geiger, José Roberto Aguilar, Ivens Machado, Leticia Parente, Sônia Andrade, Regina Silveira, Júlio Plaza, Paulo Herkenhoff, Regina Vater, Fernando Cocchiarale, Mary Dritschel, Ângelo de Aquino, Miriam Danowski, Paulo Bruscky e tantos outros" (10).

Segundo o próprio Arlindo, a partir dessa geração de *pioneiros*, seguiram-se outras, a do *vídeo independente*, nos anos 80, do *vídeo de criação*, nos 90...

Importantes reflexões foram organizadas sobre essas produções – filmes e vídeos experimentais – em mostras e/ou textos organizados por Walter Zanini (*Vídeo-arte: uma poética aberta*); Arlindo Machado (*A arte do vídeo no Brasil: Made in Brasil - Três décadas do vídeo brasileiro*); Ligia Canongia (*tQuase Cinema*); Paula Terra e Glória Ferreira (*Situações: arte brasileira anos 70*); Glória Ferreira e Ligia Canongia (*ArteCinema*), Rubens Machado Jr (*Marginália 70 - Experimentalismo no Super-8 Brasileiro*), Cristina Freire (*Arte conceitual e conceitualismos - anos 70 no acervo do MAC-USP*), Fernando Cocchiarale (*Filmes de Artista - Brasil 1965-80*) entre outras iniciativas, como a coleção *RioArte Vídeo - Arte Contemporânea*, e a *Investigações - O Trabalho do Artista / Itaú Cultural*, além do *Festival Internacional de Arte Eletrônica SESC-VídeoBrasil* e das coleções da *VídeoBrasil*, além de uma nova leva de mostras de filmes *autodependentes*. Uma história e um presente em desdobramento.

Dentro do amplo repertório de possibilidades poéticas existente na contemporaneidade, a *Circuitos Compartilhados* centra-se anteriormente, como já dito, num conceito de circuito artístico, a partir do qual o experimentalismo em vídeo é consequência, complemento, registro criativo. O vídeo como ferramenta sobre outro gesto: a intervenção urbana, os coletivos de artistas, as propostas de participação criativa, a autogestão cultural em arte. Isso tem a ver com os *readymades* de Duchamp; com os *dada* (mais especialmente ainda com a verve política dos dadaístas de Berlim); com o *Cineton*, de Lechowski; com o Grupo Fluxus e o *FluxFilm Anthology*, organizado por George Maciunas. Tem a ver também com os *happenings* de Allan Kaprow; com as *Inserções em Circuitos Ideológicos*, de Cildo Meireles; com as trocas culturais propostas por Paulo Bruscky e seu ARQUIVO BRUSCKY. E, a ver, ainda: com as idéias sobre *política heterogênea* de Alain Badiou, *biopolítica produtiva* de Toni Negri, *micropolítica do afeto* de Vera Silvia Magalhães. São *circuitos heterogêneos* em vídeo; e filme.